ResearchGate

See discussions, stats, and author profiles for this publication at: https://www.researchgate.net/publication/276355143

Obatala e a Criação do Mundo Ioruba (amostra)

Book · November 2013

CITATION
1

READS
2,437

1 author:



Luiz L. Marins
Cecori

9 PUBLICATIONS **2** CITATIONS

SEE PROFILE

All content following this page was uploaded by Luiz L. Marins on 17 May 2015.

The user has requested enhancement of the downloaded file.

OBÀTÁLÁ

E A CRIAÇÃO DO MUNDO

IORUBÁ

LUIZ L. MARINS

OBÀTÁLÁ

E A CRIAÇÃO DO MUNDO IORUBÁ

1ª Edição
São Paulo
Edição do autor
2013

Copyright by 2013
Luiz L. Marins

Revisão de Texto:
Luiz L. Marins

Ilustração de capa:
Pedro Inatobi Neto

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Marins, Luiz L.

Obàtálá e a criação do mundo iorubá / Luiz L. Marins. -- 1. ed. -- São Paulo: Ed. do Autor, 2013. Bibliografia.

ISBN 978-85-914441-0-6

1. Candomblés 2. Deuses iorubás - África ocidental 3. Deuses iorubás - Brasil 4. Deuses iorubás - Cuba 5. Iorubás - Mitologia 6. Orixás

I. Título.

13-01128 CDD-299.63

Índices para catálogo sistemático:
1. Deuses iorubás: Religião de origem africana negra 299.63
2. Orixás: Deuses: Religião de origem africana negra 299.63

É proibida a reprodução em qualquer quantidade, por quaisquer meios reprográficos, sem prévia autorização do autor, em observação à Lei n. 9610 de 19/02/1998.

SUMÁRIO

Apresentação.....9
Prefácio.....11
1. Introdução..... 13
2. Òrìs̩à Dídá Ayé.....29
3. A reconstrução do mito.....53
4. As fontes.....85
5. Considerações Finais.....105
Bibliografia.....115

ORÍKÌ OLÓDUMÀRÈ

L'ojú Olórun! L'ojú Olódùmarè!
Na Presença de *Olórun*! Na Presença de *Olódùmarè*!
Elédàá, Eléèmìí, Olùpilèsè
Criador, Senhor dos espíritos, Senhor das origens.
Òyígíyigì Ota Aìku
Pedra Imutável e Eterna
Ògàá ògo Oba òrun
Mais Alto Glorioso Rei do Céu,
Atérere k'áyé,
Aquele que Se espalha sobre toda a terra,
Eléní à té'ka
Dono da esteira que nunca se dobra
Oba a sè kan má kù
Rei cujos trabalhos são feitos com perfeição
Olórun nikan l'ógbon
Olórun é o único que tem sabedoria
Ar'inur'ode olùmònokàn
Aquele que vê dentro e fora,e conhece os corações
Oba Aìrií Awamaridi
Rei Invisível, que não podemos ver.
Oba Adáké dá'jó,
Rei que mora em cima, e que julga em silencio
Oba Mimo ti kò l'éèrí
Rei Puro, que não tem mancha.
Alalàfunfun òkè
O dono da roupa branca que está no mais alto
Isé Olórun tóbi
Os trabalhos de *Olórun* são poderosos
Alábàáláàse, a rán rere si i àwa.
Alábàáláàse envie as coisas boas para nós.*

---

* Composto por reorganização de versos soltos na obra *Olódùmarè – God in the Yorùbá Belief*, de E. Bolají Idowu. Tradução a partir do inglês.

APRESENTAÇÃO

Em todas as religiões, o rito nasce do mito. Não há religião sem mitologia, e quando o mito se perde na noite dos tempos, o rito gradualmente modifica-se.

Nas etnias ágrafas como dos Iorubás, os mitos mantem-se vivos na tradição oral através da adequação que se faz necessária às mudanças históricas e sociais. Entretanto, casos há que a imposição da mudança é tão forte, que chega mesmo a extinguir os mitos de origem e fundação, que passam a ser lembrados, paradoxalmente, pela etnografia.

É o que parece ter ocorrido com a história nagô da criação do mundo pelo *Òrìṣà Obàtálá*, cujo resgate do mito realizamos neste livro *Obàtálá e a Criação do Mundo Ioruba*.

Na introdução, dissertamos sobre *Obàtálá*, justificamos a necessidade de reconstrução do seu mito da criação iorubá, e esclarecemos alguns aspectos técnicos referentes à composição dos mitos.

O livro conta, de forma inédita, o poema sacro da criação do mundo segundo a antiga mitologia dos nagôs, observando as regras estruturais das oito partes que todo poema de *Ifá* deve ter, para ser considerado sagrado. Entretanto, cabe ressaltar que nosso trabalho não é uma obra de ficção, antes, é um trabalho de resgate mitológico.

Apresentamos o mito de duas maneiras: em forma de poema, e em forma de conto "não romanceado", obedecendo as regras e características dos mitos iorubas.

Dedicamos também um capítulo técnico demonstrando como realizamos todo o trabalho de reconstrução e resgate, re-

ferendando a contribuição de cada autor pesquisado.

Para não deixar dúvidas quanto da veracidade do mito recriado, e que ele não é um trabalho de ficção, mas de reconstrução, oferecemos todas as fontes utilizadas e traduzidas, certificando ao leitor que o mito é verdadeiro, ainda que reconstruído.

Finalizando, nas considerações finais, com dados de autores clássicos como Costa e Silva, Roberval Marinho e Pierre Verger, demonstramos por que o mito sagrado apresentado neste livro é, historicamente falando, anterior à era *Odùdúwà*, reconhecido atualmente como o pai e ancestral da nação Iorubá.

PREFÁCIO

Quem lê este livro, de Luiz L. Marins, se depara de antemão com uma reconstrução inédita do majestoso poema sacro da criação do mundo *yorùbá*, que norteará, ou é em si mesmo, a obra intitulada *Obàtálá e a Criação do Mundo Iorubá*.

A obra é o retrato escrito do autor, suas características permeiam todo o caminhar do texto. A extrema rigidez e o cuidado com língua *yorùbá* se faz presente em todo poema, tanto quanto o esmero da incansável pesquisa bibliográfica na reorganização dos versos soltos e na capacidade da formatação clássica e necessária, além de um "*savoir faire*" de "poeta" para reconstruir um poema sacro de tal envergadura e importância como esse da gênese *yorùbá*. Não só de grande valor para o meio acadêmico, mas, principalmente para a religião dos *Òrìsà* e todos os seus seguidores, sejam da diáspora, como nas terras de origem.

As minúcias relatadas são de extrema importância, apesar de se revelarem de forma suavemente poética, contêm verdades incontestáveis da religião dos *Òrìsàísmo*, para deleite dos seguidores e do leitor em geral. Tudo isso, corroborado com citações contundentes, precisas e detalhadas de um escritor acadêmico.

Conheci Luiz L. Marins, no final dos anos 70, quando fui seu professor de Teologia, e na década de 80 reencontramo-nos na "Funaculty", onde, já naquele momento inquietava-se com as origens da religião tradicional *yorùbá* em relação e/ou comparação com o Batuque do Sul. Muito conversamos sobre pesquisas e bibliografias existentes, as quais, de uma maneira ou outra, pudessem cooperar em suas investigações, já em andamento.

Dessa forma, tornamo-nos amigos de fato. Posso atrever-me carinhosamente chamá-lo de "meu pupilo", que com o passar dos anos demonstrando toda sua capacidade intelectual, investigativa e argumentativa, tornou-se meu interlocutor, ao qual agradeço e o tenho em alta estima. Em contraparte, quando Luiz começou a escrever, em muitas ocasiões fui seu interlocutor. Dessa maneira, de pleno conhecimento do autor e do seu trabalho, posso afirmar a premissa que "a obra é o retrato escrito do autor, pois suas características de minuciosidades permeiam todo o caminhar do texto". Finalmente, ao parabenizar o autor por este livro quero registrar que, escrever sobre a gênese *yorùbá* e ter o *Òrìs̩à Obàtálá* como protagonista é, de fato, um resgate extremamente necessário à literatura afro-brasileira, e de valor inestimável para as comunidades religiosas de *Òrìs̩à*. Sendo assim, Luiz L. Marins presta uma grandiosa homenagem ao *Òrìs̩à Òòs̩àálá*, o criador deste mundo, para todos os Òrìs̩àistas, e a todos os seus iniciados, onde ele, Luiz, está incluído.

Aulo Barretti Filho

Bàbálórìs̩à, Pesquisador, Escritor, pesquisador, e professor da religião tradicional Yorùbá e da afrodescendente. Bàbálórìs̩à do candomblé Kétu (BA) reafricanizado Ilé Às̩e Od̩e Kitálesi (em São Paulo, Brasil) e Asojú Oba Alákétu (em Kétu no Benin).Odontólogo e Presidente da Funaculty. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Aulo_Barretti_Filho>

1

INTRODUÇÃO

> Quando estudamos a literatura ioruba, o que estamos tentando fazer primeiro de tudo é entender através dela a sua cultura, o seu pensamento e como o povo ioruba faz uso da sua língua criando imagens, efeitos e situações reais ou imaginárias para visualizar a concepção do seu próprio universo [e] se considerarmos que Ifá possui mais ou menos 153.600 versos, a quantidade de literatura oral ioruba coletada não passa de uma gota no oceano, e que a coleta deste material é um trabalho urgente, pois os que possuem esta tradição estão indo embora, e a sociedade nigeriana moderna não está dando continuidade à transmissão das tradições de pai para filho, correndo o risco de se perder muito da literatura oral ioruba, ao menos que haja um enorme esforço atual de coleta de tradição oral.
>
> (Abimbola, 1977, p. 9)

Concordando com Abimbola, resgataremos neste trabalho o poema *Òrìsà Dídá Ayé* (Orixá Criou o Mundo), verso sagrado de *Ifá*[1], religião dos iorubas[2], sobre a criação do mundo pelo *Òrìsà Obàtálá*, o *Òrìsà* da criação. Este mito não recebeu na literatura afro-brasileira devida atenção, citado apenas como resumos, em forma de prosa.

Entretanto, a sobrevivência na tradição oral e o registro etnográfico não deixam dúvidas da existência da história

[1] Sistema de religião ioruba baseada no oráculo regido por *Òrúnmìlà*, divindade da divinação, que possui 16 *odù* (signos) principais e 240 *odù* secundários, os quais contêm centenas de histórias e poemas sagrados de tradição oral que o fundamentam. O processo divinatório resulta em inscrição de sinais de origem geomântica em um tabuleiro de madeira chamada *opón*, revelados por *Ifá* e interpretados por *Òrúnmìlà*.

[2] Grupo étnico da África Ocidental, distribuído entre os países da Nigéria, Ghana, Togo e Benin, sendo a sua origem em *Ifé*, Nigéria.

importante orixá e o mais elevado dos deuses iorubas. Foi o primeiro a ser criado por *Olódùmarè,* o Deus Supremo. É também chamado *Òrìṣà*, ou *Obà-Igbò* ou *Òrìṣà-Ìgbò* [...] Foi encarregado por *Olódùmarè* de criar o mundo com o poder de sugerir (*àbà*), e o de realizar (*àṣe*), razão pelo qual é saudado com o título de *Aláàbáláàṣe* [...] Os deuses da família *Òrìṣàálá-Obàtálá* deveriam ser, sem dúvida, os únicos a serem chamados de Orixás, sendo os outros deuses chamados por seus próprios nomes."

Essa família de Orixás *Funfun*, os Orixás [da cor branca], é a daqueles que utilizam o *efum* (giz branco) para enfeitar o corpo. São lhes feitas oferendas de alimentos brancos, como pasta de inhame, milho [branco], caracóis e limo da costa. O vinho e o azeite proveniente do dendê, e o sal, são as suas principais interdições. As pessoas que são a ele consagradas devem vestir-se sempre de branco, usar colares da mesma cor e pulseiras de estanho, chumbo ou marfim.

A coroa de *Òrìṣànlá-Obà-Ìgbò* teria sido conservada até hoje no palácio do *Óòni*, Rei de Ifé. Esta coroa, chamada *aré*, é elemento essencial na cerimônia de entronização de um novo *Óòni*. Este, antes da sua coroação, deve dirigir ao templo de *Òrìṣànlá* [...] Os sacerdotes de *Òrìṣànlá* desempenham um papel importante nessas ocasiões [pois] participam de certos ritos durante os quais eles próprios colocam a coroa na cabeça do novo soberano de Ifé [...] Além disso, o *Óòni* deve enviar todos os anos seu representante a Ideta-Oko, onde residiu *Òrìṣànlá*. O representante deve levar oferendas, recebendo as instruções e as bençãos de *Òrìṣànlá*.

Òrìṣànlá-Obàtálá é casado com *Yemowo*. Suas imagens são colocadas uma ao lado da outra e cobertas com traços e pontos desenhados com *efun*, no ilésin [casa de culto], em Ideta-Ilê, no bairro de Itapa, em Ilê-Ifé. Dizem que *Yemowo* foi a única mulher de *Obàtálá*."

No Novo Mundo, na Bahia particularmente, Oxalá é considerado o maior dos Orixás, o mais venerável e o mais venerado. Seus adeptos usam colares de contas brancas, e vestem-se geralmente de branco. [No candomblé] sexta-feira é o dia da semana con-

Òsé Òyèkú

3. A d'Ifá fun Odù
4. Ti o níon ó fi apèrè jókòó [...]
41. Eni ti o wá nibè n'ijó náà ni Obárìsà [...]
75. Ni Obarìsà, ó féràn efun [...]
80. O ní igbá efun tion se yìí o
81. O ní on gbé e fún iwo Odù
82. O ní ki o fi peluapèrè reo [...]
89. O ní nitoripe òkansoso ni on pelu iwo Odù.

3. Ifá foi consultado para *Odù*
4. No dia que ela iria sentar-se no seu *apèrè*[...]
41. Neste dia, quem veio foi *Obàrìsà* [...]
75. *Obàrìsà* ama o *efun* (pó branco) [...]
80. Ele diz, a cabaça de *efun*
81. Ele diz, ele a traz para ela, *Odù*
82. Ele diz, que ela coloque em seu *apèrè* [...]
89. Ele diz, por que são uma só coisa ele e ela, *Odù*.

O ÌTÀN E O ESE NA ACULTURAÇÃO DA PALAVRA

Aos estudiosos mais atentos, uma explicação técnica sobre o uso da palavra *ìtàn* (história) no corpo de um *lése-lése* (poema) se faz necessária, esclarecendo o conceito das palavras *ìtàn* (história) e *ese* (verso), e o seu uso.

Algumas palavras da língua ioruba, em virtude das convenções gráficas adotadas depois da colonização europeia, vêm recebendo importantes modificações conceituais e

> possuindo muitos itens de léxico arcaico, distorções e/ou divergências tonais e gramaticais, exceções gramaticais, etc. A prosa ioruba, por outro lado, coloca ênfase na linguagem comum de falar onde a inteligibilidade é primordial. Contudo, nada demais lembrar que a distinção não é absoluta. A linguagem e o ritmo da prosa, entretanto, formam a base de fundação do verso.

Na diáspora afro-brasileira a palavra *ẹsẹ* não é usual, ficando restrita ao meio intelectual. A palavra *ìtàn*, ao contrário, é muito conhecida, mas adquiriu o conceito utilizado em português para palavra "história".

Assim, afirmamos amadoramente na área da linguística, que a palavra ioruba *ìtàn* está aculturada, mesmo em terras ioruba. A seguir, vamos dar alguns exemplos disso.

Pierre Verger (1972, p. 7, *apud*, Braga, 1988, p. 27) na transcrição abaixo relata um encontro mensal dos babalaôs. Repare que Verger usa a palavra "história" quando está referindo-se aos versos de Ifá, percebendo-se claramente embutido o conceito europeu sobre a palavra "verso" (*ẹsẹ*):

> [...] Este ensino constante se faz por meio da troca mútua do saber entre os babalaôs, ao longo de numerosas reuniões em que os adivinhos se encontram para discutir consultas que lhes são feitas sobre os mais diversos casos. Eles se reúnem também cada dezesseis dias em assembleias organizadas em todas as cidades, no dia do segredo (ojó awô), a cada quatro semanas, sendo a semana ioruba de quatro dias. Nessas ocasiões, após uma refeição comunal, os babalaôs relaxam contando algumas histórias de Ifá. Um dos sacerdotes conta, em solo, as estórias que são retomadas, frase a frase, pelos demais adivinhos. É nesse momento que eles exibem sua erudição. Aquele que inicia o conto tenta ofuscar seus companheiros com um relato novo e desconhecido para eles, pois se trata de uma grande glória assumir o papel de mestre, e escutá-los repetir docilmente, **verso por verso**, uma nova história. É assim que os babalaôs presentes transmitem uns aos outros a sua ciência.[7] [O negrito é nosso]

[7] Supomos que Verger não percebeu este detalhe.

b) [...]
Itàan Èsù!Níbi tí Èsù gbé gba àgbà ... (p. 171)
[...]

A história de *Èsù*, Do modo como *Èsù* tomou a primazia ... (p. 176)

Pelo exposto, do ponto de vista técnico, a forma que utilizamos se faz correta quando usamos a palavra *ìtàn* com o significado de história para um poema ioruba, devido à aculturação. Tal forma procura atender aos conceitos da diáspora, dos falantes de língua portuguesa, mantendo, porém, tanto quando possível, a forma do poema ioruba tradicional na sua construção poética. Tecnicamente o classificamos como "um poema de versos livres".

A DIFERENÇA ENTRE O MITO E O ÌTÀN MIMÓ

Esclarecida a questão do uso da palavra *ìtàn* dentro do *ese*, vamos falar em seguida, da diferença entre um mito comum, ainda que fale de *Òrìsà,* narrada sem conotação sagrada, e um *ìtàn-mimó* uma história sagrada.

Numa cultura de tradição oral, é ouvindo dos mais velhos que aprendem os mais novos, na forma de narrativas, que podem ser sagradas ou não. Omidire, (2005, pg. 20) afirma que "entre os iorubas contam-se até doze tipos de contos, dos quais os principais são: *àló àpamó, aló àpagbè, ìtàn, fàbú, òjé, àròso, aró e odù*". Os *àló* são fábulas de fundo moral, social e místico, que visam instruir a formação do caráter dos mais novos. Ainda que possam falar de Deus e das divindades, não são necessariamente sagrados, nem precisam ser reais, embora sejam largamente utilizados para entreter e ensinar os

1. O nome do sacerdote que efetuou o jogo
2. O nome do cliente
3. A razão pela qual a divinação foi efetuada
4. A orientação para o cliente
5. Se ele seguiu ou não as orientações.
6. A narração do que aconteceu
7. O relato das alegrias ou tristezas
8. O final, como um resumo de fundo moral.

> Todo poema de Ifá contém cinco partes obrigatórias (1-2-3, e 7-8) e três opcionais (4-5-6-). No que tange ao uso da linguagem, as [cinco partes obrigatórias] tem que manter a tradição e ser fielmente memorizadas, [e as três partes opcionais] podem ser recitadas ou narradas com a liberdade de criação do sacerdote, mas restrita à exatidão oracular. E é por isso que as partes 4-5-6 são as mais extensas se comparadas às demais, portanto [...] Os sacerdotes se preocupam em memorizar pontos importantes, e em contar a seu modo. [...] Este fato pode ser um dos pontos fundamentais para se manter as tradições da diáspora. [...] Ifa NlaNla, os grandes poemas de Ifá, contém 8 partes, [algumas] de longas extensões contendo minúcias de extrema importância religiosa, e é justamente neste tipo de poema que ocorre a liberdade de livre discurso das partes 4-5-6, que podem ter no seu original várias páginas, passando então a ser narradas com o estilo de cada babalaô, baseado na escolha dos pontos que julgar relevantes".

Para exemplificar a fala de Aulo Barretti, vamos apresentar dois mitos, explicando por que um é um mito comum, e o outro, um mito sagrado.

O primeiro, um mito de *Bará* no Batuque do R.S. foi publicado por Reginaldo Prandi no livro "Mitologia dos Orixás". Embora escrito na forma imitativa de um poema, não contém as partes necessárias de que falamos. Portanto, não é um mito sagrado.

Oxalá pinta a galinha d'angola

> Mandaram a galinha d'angola fazer um ebó para poder ter tudo o que queria. Recomendaram-lhe que fosse o mais liberal com as pessoas, especialmente com aquelas que visse pela primeira vez. Quando Oxalá se encontrou com a galinha d'angola, no caminho, um dia de manhã cedo, ela ofereceu-lhe tudo que levava, ficando Oxalá admirado com a sua gentileza. Então Oxalá, com suas próprias mãos, pintou-lhe todo o corpo com efum. É por isso que a galinha d'angola é o animal que mais demonstra semelhança com Oxalá, mais do que qualquer outro bicho existente. (BRAGA, 1988, p. 195).

O mito não faz referência ao autor do *ìtàn,* nem tem em seu corpo a receita do *ẹbọ*, não traz nenhuma cantiga, encantamento ou reza tradicional ou o *odù* ao qual, com certeza, pertenceu um dia. Entretanto, indica que uma consulta foi realizada, o seu motivo, que um ẹbó foi feito, e o resultado do que ocorreu. Um dos elementos da história, o pó branco *ẹfun*, o remete ao *odù òfún* (nº 10), um dos dezesseis signos divinatórios do tradicional jogo de búzios afro-brasileiro. Pelo exposto, a história é um *Ìtàn-Ifá.*

Como verificamos, não é a forma gráfica do escrito que torna o mito sagrado, mas sim, o conteúdo das informações que carrega em seu corpo mítico.

2

ÒRÌSÀ DÍDÁ AYÉ

Ejìogbè

ÒRÌSÀ DÍDÁ AYÉ

1. *Ìtàn àtowódówó, ìtàn atenudenu*
2. *Onîìwáàdí àtúndá Ìtàn Isèdálè*
3. Jogo para *Obàtálá*
4. *Òrìsà-Nlá Ìgbà Àkókó*
5. "O Grande *Òrìsà* do início dos tempos"
6. *Àkóbí Olórun*
7. "O primeiro filho de *Olórun*"
8. *Ìbìkejì Olódùmarè*
9. "A segunda pessoa de *Olódùmarè*"
10. No dia que ele estava vindo para criar o *ayé*
11. No tempo que a existência começou
12. *Olódùmarè* era uma massa infinita de ar
13. Começou a mover-se lentamente, a respirar.
14. O ar transformou-se em massa de água
15. Dessa água nasceu *Òrìsà-nlá*
16. O grande *Òrìsà-Funfun*, o *Òrìsà* da cor branca.
17. O que é agora a nossa terra
18. Era um pântano desolado
19. Em cima estava o *òrun*
20. Onde também moravam os *Òrìsà*
21. Tudo que eles precisavam estava no *òrun*
22. Nos pés da árvore baobá
23. Todos os *òrìsà* estavam contentes ali
24. Menos *Obàtálá*,

112. Ele foi recebido com festa,
113. Todos estavam felizes.
114. *Obàtálá* foi ver *Olódùmarè*
115. Ele disse que o trabalho foi um sucesso,
116. Agora já existia *ilè* sobre as águas
117. *Olódùmarè* disse: "Bom!"
118. Ele enviou *Agemo*
119. Para ver se a terra estava seca,
120. Ele desceu pela corrente
121. E pulou na terra cuidadosamente
122. Ele andou sobre ela muito vagarosamente,
123. Mas a terra ainda não estava seca
124. Ele voltou e disse para *Olódùmarè*
125. Que a terra ainda não estava seca
126. Eles esperaram mais um pouco
127. E enviaram *Agemo* novamente
128. Ele veio, ele inspecionou a terra novamente.
129. Ele voltou e disse para *Olódùmarè*
130. Que a terra já estava seca
131. E que a semente de palmeira já havia brotado
132. *Olódùmarè* chamou *Obàtálá* novamente
133. E deu agora a ele *òpásóró*, Seu cajado.
134. Como símbolo do Seu poder e de Sua autoridade
135. Assim *Obàtálá* poderia usar os seus poderes
136. De acordo com a sua própria vontade
137. Ele deu para *Obàtálá* vários tipos de sementes:
138. As sementes *iré*, *awùn, dòdo.*
139. Assim, os trabalhos da criação,
140. Permitiriam a *Obàtálá,*

224. Ele ficou escondido em um canto
225. *Olódùmarè* veio, Ele viu *Obàtálá* escondido,
226. Ele fez *Obàtálá* dormir profundamente
227. Enquanto *Obàtálá* dormia
228. *Olódùmarè* deu-lhes *èmí,* o espírito da vida
229. É por isso que Ele é chamado de *Eléémí*
230. E insuflou-lhes o Seu *èémí,* o fôlego da vida
231. E é por isso que Ele é chamado de *Eléèémí*
232. Quando *Obàtálá* acordou,
233. Ele viu que os corpos agora tinham vida.
234. Quando ele viu os seres humanos andando
235. Ele pode ver o que fez quando bebeu *emu*
236. Ele viu que fez muitos corpos deficientes
237. Ele ficou arrependido
238. Ele disse que sempre protegeria estas pessoas
239. E que nunca mais beberia *emu*
240. Que isso para sempre seria um tabu para ele
241. É por isso que até hoje,
242. Aqueles que cultuam *Obàtálá*
243. São proibidos de beber *emu.*
244. *Olódùmarè* enviou *Orèlúéré*
245. O chefe das pessoas preparadas antes
246. Ele trouxe-as para baixo, para o *ayé. . .*
247. Estas pessoas foram os primeiros habitantes do mundo
248. *Orèlúéré* foi enviado para chefiar estas pessoas
249. Ele era aquele que todos respeitavam
250. *Obàtálá* era o *Òrìsà* que eles cultuavam
251. No tempo que a existência começou
252. Era com *obì* que eles consultavam *Òrìsà*

340. Ele fica de pé dentro do *àlà*
341. *Baba nlá, oko Yemówó.*
342. O grande Pai, marido de *Yemówó.*
343. Eles estavam fazendo oferendas
344. O que eles estavam oferecendo?
345. *Adìye funfun* (galinha branca)
346. *Àkùko funfun* (galo branco)
347. *Ako eyelé funfun* (pombo branco)
348. *Abo eyelé funfun* (pomba branca)
349. *Eja* (peixe)
350. *Ìgbín* (caracol)
351. *Iyán* (inhame batido)
352. *Obè ègúnsí* (sopa de semente de *bàrà*)
353. *Oúnje àtè* (comida sem sal)
354. *Òrí* (gordura vegetal)
355. *Efun* (pó de cascalho branco)
356. *Ègbo* (milho branco cozido)
357. *Obì ifin* (noz de cola branca)
358. *Omi àgbon* (água de coco)
359. *Omi ìgbín* (água do caracol)
360. *Omi òtun* (água fresca)
361. *Séséefun* (contas brancas)
362. *Ìlèkè funfun* (colar branco)
363. *Aso funfun* (roupa branca)
364. Eles estavam usando folhas
365. Que folhas eles estavam usando para *Òrìsà?*
366. *Àbámodá* (folha-da-fortuna)
367. Eles estavam recitando *ofò*
368. *Àbámodá àbá mi kò se àìse*

a ciscar e espalhou a terra em todas as direções. *Obàtálá* pegou o pombo e o soltou. Ele voou, voou, voou. Ele pode ver que a terra já estava se expandindo. *Obàtálá* jogou a semente de palmeira na terra.

Ele estava contente, pois havia terminado a primeira parte do trabalho. Ele começou a subir para voltar ao *òrun*. Quando ele chegou, ele foi recebido com festa. Todos estavam felizes. *Obàtálá* foi ver *Olódùmarè* e disse que o trabalho foi um sucesso, e que agora já existia *ilè* (terra) sobre as águas.

Olódùmarè disse: - Boom! Ele enviou *Agemo p*ara ver se a terra estava seca. Ele desceu pela corrente, pulou na terra cuidadosamente, e andou sobre ela muito vagarosamente, mas a terra ainda não estava seca. Ele voltou e disse para *Olódùmarè* que a terra ainda não estava seca. Eles esperaram mais um pouco e enviaram *Agemo* novamente. Ele veio outra vez, para inspecionar a terra novamente. Ele voltou e disse para *Olódùmarè* que a terra já estava seca, e que a semente de palmeira já havia brotado.

Olódùmarè chamou *Obàtálá* novamente, e deu agora a ele o *òpásóró,* Seu cajado, como símbolo do Seu poder e de Sua autoridade, pois com ele *Obàtálá* poderia usar os seus poderes de acordo com a sua própria vontade. Ele deu para *Obàtálá* vários tipos de sementes: *iré, awùn, dòdo.* Os trabalhos da criação permitiriam a *Obàtálá c*riar todos os seres humanos e as espécies que povoariam o mundo, árvore, plantas, ervas, animais, aves, peixes, etc., e todos os tipos humanos. Foi assim que ele aprendeu, e foi enviado para realizar estes trabalhos. Ele colocou tudo dentro do *àpò-dídá* e iniciou a descida novamente. Quando ele chegou ao fim da corrente, a palmeira já havia crescido e encostava na corrente.

Obàtálá desceu através da palmeira, e foi o primeiro

não tem mancha, Ele mora em cima e usa roupa branca, Os trabalhos de Olórun são poderosos, *Olórun*, o Rei Mais Importante, *Alábàálàse* envie as bênçãos sobre nós).

Eles estavam louvando *Obàtálá*: - *Obàtálá, Obàtarìsà, Oba pátápátá tíí bá won gbé Òde Iràngé, Òrìsàálá, Aláyé tí wón nfi ayé fún, Òrìsà oníwà pèlé alàse, Bàbáláàse ní yè wa. (Obàtálá, Obàtarìsà,* o rei absoluto que vive em *Òde Iràngé, Òrìsàálá,* Senhor do mundo que lhe foi dado, o *Òrìsà* gentil que é dono do *àse, o* pai do *àse* nos deu a vida).

Eles estavam felizes, e estavam cantando para *Obàtálá:*

- Obàtálá, Obatáàsà, Obàtálá Àkóbí Olódùmarè, tí nwón bí l'óde Ìgbò, tí ó rè é j'oba l'óde Iràngé, Òrìsà-Nlá Òsèrè-Màgbò, Òrìsà, Èti! Eni olá! a fi ojó gbogbo tóbi, ó tóbi, kò se é gbé, bànta-banta nínú àlà, ó sùn nínú àlà, ó jí nínú àlà, ó ti'nú àlà dìde, Baba nlá, oko Yemówó. (Obàtálá, Obatáàsà, Obàtálá, o primogênito de *Olódùmarè, q*ue nasceu na cidade de *Ìgbò*, rei na cidade de Iràngé, o grande *Òrìsà*, a divindade de *Ìgbò*, *Òrìsà*, o Imutável! o único majestoso, ele que mostra sua grandeza diariamente, ele é poderoso, não pode ser levantado, sua grandeza é revelada no *àlà, e*le dorme no *àlà,* ele acorda no *àlà, e*le fica de pé dentro do *àlà,* o grande Pai, marido de *Yemówó).*

Eles estavam fazendo oferendas: galinha branca (*adìye funfun*), galo branco (*àkùko funfun*), pombo branco (*ako eyelé funfun*), pomba branca (*abo eyelé funfun*), peixe (*eja*), caracol (*ìgbín*), inhame batido (*iyán*), sopa de semente de *bàrà* (*obè ègúnsí*), comida sem sal (*oúnje àtè*), gordura vegetal (*òrí*), pó de cascalho branco (*efun*), milho branco cozido (*ègbo*), noz de cola branca (*obì ifin*), água de coco (o*mi àgbon*), água do caracol (*omi ìgbín*), água fresca (*omi òtun*), contas brancas (*séséefun*), colar branco (*ìlèkè funfun*), pano branco (*aso àlà*).

3

A RECONSTRUÇÃO DO MITO

O poema que apresentamos trata-se de um *Ifá NláNlá,* resgatado a partir de várias fontes escritas variantes de uma única história, passada de geração para geração através dos séculos, como já dissemos, e fazemos questão de enfatizar. Para apresentá-lo na forma tradicional utilizada no *Ifá* tal qual falou Barretti, foi necessário um trabalho de recriação das partes necessárias que caracterizam um *ìtàn-Ifá.*

Primeiramente estudaremos cada uma das oito partes "recompostas" do poema, e a forma como foram trabalhadas, comentando-as. Faremos um estudo passo a passo de cada uma, apresentando em seguida os versos correspondentes resgatados e reconstruídos. Dessa forma o leitor poderá compreender a evolução do nosso trabalho, acompanhando a reconstrução do mito.

Neste capítulo o leitor pode ler somente apenas as explicações técnicas, e suas fontes, sendo desnecessária a releitura dos versos, os quais foram aqui transladados apenas para identificar ao leitor que a reconstrução das partes do poema seguiu a forma tradicional ioruba, identificadas no texto.

Primeira Parte:
O *odù*, o nome do poema e o crédito do sacerdote.

Ìtàn àtọwọ́dọ́wọ́, ìtàn atẹnudẹnu.
Onîwáàdí àtúndá Ìtàn Ìsẹ̀dálẹ̀

Como as fontes etnográficas não possuem mais esta informação, foi necessário "sugerir" o *odù*[8]. Mas esta sugestão não foi aleatória. Os motivos da sugestão do *odù Ejìo-*

[8] Signo divinatório de *Ifá*.

Todos os *òrìṣà* estavam contentes ali
Menos *Ọbàtálá*,
Ele queria usar o seu poder de criação
Ele olhava para baixo
Onde estavam as águas de *Olókun* [13]
Ele pensava: "nesse lugar só existe água".
Ele pensava: "eu poderia criar algo ali".
Ele ficava assim muito tempo, pensando,
Ele foi falar com *Olódùmarè,*
Ele disse: aqui no *ọ̀run*
Ele disse: nós temos tudo o que precisamos
Ele disse: nós temos poderes
Ele disse: mas nunca usamos estes poderes
Ele disse: embaixo há somente água
Ele disse: se existisse algo firme sobre as águas
Ele disse: poderíamos criar um mundo
Ele disse: com seres humanos para viverem nele
Ele disse: se eles precisarem de ajuda
Ele disse: usaremos nossos poderes
Olódùmarè disse: Está bem!
Ele disse: Prepare-se!
Ọbàtálá foi ver *Ọ̀rúnmìlà*
Ele foi consultar *Ifá*
Ọ̀rúnmìlà concordou,
Ele jogou *Ifá* para *Ọbàtálá*
Ele bateu *Ifá* oito vezes

Esta parte explica o motivo do jogo que levou *Ọbàtálá* a ir consultar *Ifá*. Normalmente não é assim tão extensa,

[13] *Òrìṣà* do mar (*Yemọnja* é *òrìṣà* do rio *Ògùn*).

Ele disse: "Um lugar que será só para vocês"
Ele disse: "Lá, vocês serão numerosos".
Ele disse: "Cada um será um chefe"
Obàtálá foi para o portão do *òrun*
Èsù foi à frente para abri-lo
Quando ele chegou,
Ele amarrou bem a corrente
Obàtálá começou a descer pela corrente
Ele desceu, desceu, desceu.
Já era possível escutar o barulho das águas
Quando chegou no final da corrente
Ele retirou a concha de dentro do *àpò-dídá*
E jogou a terra sobre as águas
Quando a terra do *òrun* caiu na água
Ela fez um grande barulho
Obàtálá disse: *àse!*
Ele pegou a galinha dentro do *àpò-dídá*
E jogou-a sobre a terra
Quando a galinha pisou na terra
Ela começou a ciscar,
Ela espalhou a terra em todas as direções,
Obàtálá pegou o pombo e o soltou
Ele voou, voou, voou,
Ele pode ver que a terra já estava se expandindo
Obàtálá jogou a semente de palmeira na terra
Obàtálá estava contente
Ele havia terminado a primeira parte do trabalho
Ele começou a subir para voltar ao *òrun*
Quando ele chegou

Obàtálá os colocava num lugar escuro e fechado. [30]
Para cada ser humano que ele criava
Ele criava também uma árvore
Ele trabalhou, trabalhou, trabalhou
Até que ele ficou cansado
As sementes que ele plantou já haviam nascido
Todas as árvores já haviam crescido
As palmeiras também haviam crescido
Obàtálá estava com sede
Ele pegou o *òpásóró*
Ele furou o tronco da palmeira
A seiva da palmeira começou a escorrer
Logo ela transformou-se *emu* (vinho de palma)
Quando *Obàtálá* viu isso
Ele começou a beber,
Ele bebeu, bebeu, bebeu,
Até ficar completamente embriagado
Quando ele estava saciado,
Ele voltou para fazer mais corpos
Agora ele não sabia mais o que estava fazendo
Ele fez *abuké* (corcunda)
Ele fez *àfín* (albino)
Ele fez corpos deficientes
É por isso que até hoje,
Quando uma mulher está grávida,
As pessoas dizem:
"*Ki Òrìsà ya'nà're ko ni o*"

[30] As fontes não informam que lugar é esse.

Paulo, atualmente babalaô e Presidente do Centro Cultural Africano, também em São Paulo.[36]

O *ìtàn* afirma que já existiam as águas primordiais de *Olókun*, mas não temos conhecimento de registro etnográfico de como estas águas vieram a existir, exceto, é óbvio, que tenham sido anteriormente criadas pelo desejo de *Olódùmarè*. Isto cria um ponto de interrogação do qual não temos a resposta: poderia *Olókun* ser também *Òrìsà* da criação do *ayé* junto com *Obàtálá,* e a etnografia não registrou?

O poema mostra-nos que o primeiro *àse* que *ilè* (terra) recebeu sobre si, foi a galinha de 5 dedos. Isto pode ser compreendido como um símbolo da ação indireta do poder de *Olódùmarè*, pois nesta primeira descida do trabalho da criação, *Obàtálá* não chega a pisar no *ilè*, voltando ao *òrun*. Elbein dos Santos (1993, p. 63) reafirma o poder de criação de *Obàtálá*, e fornece a informação de que o *òpásóró* foi dado por *Olódùmarè* para *Obàtálá* (1967, p. 99). Complementando, Elbein dos Santos assim o descreve (1993, p. 77):

> O *òpásóró* é feito de metal e mede cerca de 120 cm de altura. É uma barra com um pássaro na extremidade superior, com discos metálicos inseridos horizontalmente em diferentes alturas, dos quais pendem pequenos objetos, sininhos redondos, sinos em forma de funil e moedas. O *òpásóró* é um dos objetos mais notáveis e rodeado de considerações e preceitos especiais, sendo conservado em pé, no altar de *Òrìsàlá*, coberto com um pano branco. Na África são substituídos pelo *òsùn*, longas barras de ferro com sinos em forma de funil [...] O *òsùn* e o *òpásóró* pertencem à mesma família. O *òpásóró* é um *òsùn* mais complexo, cujos diversos elementos formam o símbolo dos *Òrìsà Funfun* [...] os *òsùn* são plantados na terra onde se veneram os ancestrais. Os *òsùn* devem ficar sempre em pé.

[36] Este dado é uma pesquisa de campo realizada em 1998.

e fala da vinda de *Òrúnmìlà* para auxiliar *Obàtálá* na organização do *ayé*. A chegada dos outros *Òrìsà* no *ayé* também é de informação generalizada.

Sétima Parte:
O relato das alegrias ou tristezas do cliente.

Eles estavam louvando *Olódùmarè*
L'ojú Olórun!
Na Presença de *Olórun*!
L'ojú Olódùmarè!
Na Presença de *Olódùmarè*!
Elédàá, Eléèmìí Olùpilèsè.
Criador, Dono da vida, Senhor das origens.
Òyígíyigì Ota Aìkú
Pedra Imutável e Eterna
Ògàá ògo Oba òrun
Mais Alto Glorioso Rei do Céu,
Atérere k'áyé,
Aquele que Se espalha sobre toda a terra,
Eléní à té'ka
Dono da esteira que nunca se dobra
Oba a sè kan má kù
Rei cujos trabalhos são feitos com perfeição
Olórun nikan l'ógbon
Olórun é o único que tem sabedoria
Ar'inu-r'ode,

Àbámodá minha vontade será realizada
Àbá ti alágemo bá dá, l'òrìsà oke ngbà.
Òrìsà Òkè aceite a vontade do camaleão
É assim que *Ifá* ensina,
Como *Obàtálá* recebeu o *àse* para criar o *ayé*
Como ele criou todas as plantas
Como ele fez todos os tipos de seres humanos
E porque *Obàtálá* é aclamado e respeitado
Como *Òrìsà Eléèdá* até hoje
Como o homem recebe o *èmí* e o *èémí*

A sétima parte mostra o desfecho final do *ìtàn*. Após a criação do mundo e do ser humano, louvores a *Olódùmarè* e *Obàtálá* são então realizados, com seus respectivos rituais religiosos. A alegria e a felicidade pela criação do mundo são expressas com cânticos e louvores. Convém lembrar que a maioria dos *orin* (cânticos), *oríkì* (louvores), *ofò* (encantamentos) utilizados na diáspora religiosa afro-brasileira são oriundos dos poemas de *Ifá*.

É nessa parte que aparecem alguns detalhes importantes, tais como oferendas, receitas e encantamentos. Idowu registrou diversos "versos soltos" de *oríkì* para *Olódùmarè*. Realizamos o trabalho de reuni-los, formando estes versos um corpo único, que foi apresentado no início do livro (1994, p. 30-56). Simpsom forneceu o *oríkì* de *Obàtálá*. (1980, p. 5)

A maioria dos poemas de Ifá apresenta um *Orin Awo* (canção do segredo) que é cantada durante as festividades. Também é de regra geral que o poema traga a relação das oferendas utilizadas e estas informações foram registradas por Fama (1993, p. 187).

As fontes não oferecem a versão ioruba, nem o estilo poético dos versos de *Ifá*, mas trazem informações importantes, as quais reunidas e adaptadas serviram de base para o nosso trabalho de resgate.

Assim, o poema *Òrìsà Dídá Ayé* traz no seu corpo de texto as principais informações, portanto, a leitura das fontes é dispensável, a menos que o leitor deseje verificar os dados que formaram a base do nossa reconstrução do poema, como também conhecer as informações que não utilizamos, mas que de qualquer forma não deixam de existir e fazer parte do mesmo.

Agindo assim, o leitor poderá comprovar a honestidade de nosso trabalho.

4

AS FONTES

J. OLUMIDE LUCAS,
The Religion of the Yorubas, 1948

> "[...] Olorun criou todas as coisas, [...] mas ele não completou o trabalho. Antes de retirar-Se para o céu, Ele encarregou Obatala com a tarefa de completar o trabalho da criação [...]".

E. BOLAJI IDOWU,
Olódùmarè God inthe Yoruba Belief, 1962

O que moveu *Olódùmarè* a pensar em criar a terra, ninguém sabe. Ele concebeu e realizou a ideia. Ele chamou *Òrìsà-Nlá* à Sua presença e encarregou-o com deste dever. Deu a ele um pacote de terra, uma galinha de cinco dedos e um pombo.

Quando *Òrìsà-Nlá* chegou, ele lançou a terra sobre um lugar e soltou a galinha e o pombo. Eles imediatamente começaram a ciscar e espalhar a terra. *Òrìsà-Nlá* voltou e relatou a *Olódùmarè* que o trabalho havia sido realizado.

Depois disto, *Olódùmarè* enviou o camaleão para inspecionar o trabalho que tinha sido feito. [...] Na primeira visita, o camaleão informou que a terra estava ampla, mas não estava seco o suficiente; [...] na segunda visita, ele retornou informando que ela já estava seca o suficiente. O lugar sagrado onde o trabalho começou foi chamado *Ifè*, (aquilo que é amplo), [...] *Olódùmarè* enviou novamente *Òrìsà-Nlá* para preparar e embelezar a terra.

Dessa vez, *Olódùmarè* então enviou *Òrúnmìlà* para acompanha-lo como seu conselheiro. [...] Para *Òrìsà-Nlá*, *Olódùmarè* deu a primeira *Igi Òpe* [...] e outras três árvores, *Iré*, *Awùn, Dòdo*. Ainda não chovera sobre a terra. A galinha e o pombo original haviam se multiplicado e dariam alimen-

Também viviam ali muitos orixás, cada um tinha seu poder, mas nenhum tinha poder igual ao de Olorun. Ali estavam Orunmila, também chamado Ifa, a quem Olorun deu o poder de ler o futuro, compreender o segredo da existência e orientar o destino.

Estava ali também Obatala, o Rei do Pano Branco, e Exu, que não era bom nem mau, que dominava o princípio da comunicação era o linguista de Olorun. [...] Estava ali ainda Agemo, o camaleão, que servia Olorun como um servo fiel.

Embaixo, estava Olokun, que governava sobre a vasta extensão de águas e pântanos, uma região escura, sem vida e sem vegetação. [...]. Um reino não atrapalhava o outro, pois eles estavam separados. Obatala era o único que ficava olhando para baixo sobre os domínios de Olokun, e pensava "*Lá embaixo, todas as coisas são molhadas e muito monótonas, não tem vida.*"

Por fim, ele veio para Olorun e disse:

- O lugar governado por Olokun não tem nada a não ser mar, pântano e névoa. Se ali existir terra, certamente poderá ser habitada pelos orixás, pessoas e outras criaturas.

- Olorun respondeu: *Sim, este é um empreendimento ambicioso, mas quem fará o trabalho e como será feito?*

- Obatala respondeu: *Eu realizarei, e farei tudo o que for necessário.*

Ele saiu, veio para casa de Orunmila e disse:

- Olorun disse para eu ir para baixo e criar a terra, onde agora só existe mar, para que os seres vivos possam ter um lugar para construir suas casas, caçar, pescar, ter filhos, construir seus reinos, construir templos para cultua-los, apre-

Obatala pegou a concha de caracol da mochila e derramou a areia. Novamente ele ouviu Orunmila chama-lo, dizendo desta vez:

- A galinhaaaa.

Obatala jogou a galinha no lugar onde ele tinha derramado a areia. A galinha começou a ciscar e esparramar a areia em todas as direções. Para onde a areia foi esparramada, ela veio a ser terra seca. Como ela foi esparramada de qualquer maneira, a areia formou vales e montanhas.

Quando estava pronto Obatala desceu da corrente e veio para baixo, e caminhou na terra sólida que tinha sido criada. A terra estendeu-se em todas as direções, mas ainda não tinha vida. Obatala chamou este lugar de Ifé. Ele construiu uma casa ali, plantou a semente de palmeira que cresceu, virou uma árvore que deu muitas sementes, nascendo muitas outras árvores. Esta era a vegetação de Ifé naquele tempo.

Após passar algum tempo, Olorun quis saber como o trabalho de Obatala estava indo. Ele mandou Agemo, o camaleão, descer pela corrente. Ele desceu. Ele encontrou Obatala vivendo em sua casa em Ifé, e disse a ele:

- Olorun enviou-me para saber como estão indo.

Obatala respondeu:

- Como você pode ver, a terra foi criada e as palmeiras estão plantadas, mas aqui é muito escuro. A terra precisa ser iluminada.

Agemo voltou para o céu e informou Olorun o que ouvira. Olorun concordou que ali deveria ser iluminado. Então ele fez o sol, e no lugar onde domínio exclusivo de Olokun, agora existia luz e calor.

Como Obatala vivia ali sozinho com seu gato preto,

ra eu protegerei de maneira especial todos os seres humanos que forem portadores de deficiência. [...]

Agora que os humanos estavam vivendo na terra, Obatala deu-lhes os instrumentos que eles necessitavam para fazerem seus trabalhos. Como ainda não existia ferro no mundo, eles receberam enxadas de madeira e facas de cobre. As pessoas começaram a plantar e a colher. Ifé cresceu muito e veio a ser uma grande cidade. Obatala a governava como um Oba.

Porém, chegou um momento em que Obatala sentiu saudade do céu. Ele subiu pela corrente e no céu houve uma festa pelo seu retorno. Os orixás ouviram-no descrever a terra que tinha sido criado embaixo e muitos deles decidiram vir para baixo e viverem entre a nova humanidade que tinha sido criada.

Olorun chamou-os e disse:

- Vocês são os protetores da raça humana. Obatala é o meu representante na terra, mas cada um de vocês tem um dever a cumprir.

Assim, Obatala fica no céu por algum tempo, retornando para uma visita de tempos em tempos.

OMOSADE AWOLALU

Yoruba Beliefs and Sacrificials Rituais, 1979

Entre os ioruba, o mito da criação informa (com falta de detalhes), que a terra era um pântano. *Olódùmarè* e algumas divindades viviam no céu em cima. Mas o céu e a águas eram tão próximos que os habitantes do céu costumavam descer e subir por meio de uma teia de aranha ou uma corrente. Eles

AWOLALU & DOPAMU,
West African Traditional Religion, 1979.

No tempo em que a existência começou, Olodumare, o Deus Supremo morava no céu com numerosos orixás. Entre eles estavam Orisa-nla, também chamado Obatala, o arquidivino e representante de Olodumare para a criação das coisas, Orunmila, também chamado Ifa, e representante de Olodumare nos assuntos de conhecimento, e Exu, o inspetor dos rituais. Distante e embaixo do céu existiam as águas de Olokun, o deus do mar. Os orixás desciam periodicamente por uma teia de aranha, para caçar. Olodumare pensou que poderia criar uma humanidade naquelas águas, se ali houvesse terra firme.

Mas ele não precisava deixar o seu trono para fazer este trabalho. Ele chamou Orisa-nla e encarregou de fazer o trabalho, dando-lhe um pacote de terra, e como ferramenta para espalhar a terra, uma galinha branca e um pombo. Agindo de acordo com a instrução de Olodumare, Orisa-nla desceu sobre as águas e derramou a terra sobre as águas. Depois ele soltou a galinha e o pombo onde ele tinha derramado a terra. Eles começaram a ciscar e espalhar a terra, que ficou seca, formando os vales e as montanhas.

Quando a primeira parte do trabalho estava pronto, Olodumare enviou o Camaleão, Seu inspetor dos trabalhos, para descer e inspecionar os trabalhos que Orisa-nla havia feito.

Após duas visitas, o Camaleão informou que ao trabalho estava pronto e perfeito para as próximas tarefas. Orisa-nla foi novamente enviado para equipar a terra. Os pássaros e as aves eram para aumentar, multiplicar e servir

Quando uma parte da superfície [da água] foi coberta com a terra, Obàtálá voltou e alegremente comunicou *Olódùmarè* que o trabalho da criação da massa de terra tinha sido completado com sucesso.

Ele enviou então o camaleão para inspecionar o trabalho, trazendo as informações. Ele voltou dizendo que a terra estava larga (ó fẹ̀). *Olódùmarè*, por estar satisfeito com a primeira parte da criação, enviou Obàtálá para completar a segunda parte: a criação do homem.

De posse do Igbá Ìwá (cabaça da criação), Obàtálá desceu novamente sobre Ifẹ̀ (a massa de terra expandida) e começou a criação do homem do barro.

Como ele trabalhou duramente por muito tempo, ele ficou cansado e com muita sede. Para seu alívio, ele encontrou vinho de palma fresco e começou a beber. Ele bebeu tanto que ficou embriagado e começou a criar corpos deficientes [...] Obàtálá instalou-se como o primeiro rei Oòyèlàgbò.

Ìgbò é o nome pelo qual os seguidores de Obàtálá vieram a ser conhecidos, e Ifẹ̀ Oòyèlàgbò é o nome pelo qual os seguidores de Obàtálá chamam Ifẹ̀. Eles reuniram-se em Igbò gbò (a floresta de Igbò) e formaram a sociedade Ògbóni, para venerar Obàtálá e usando máscaras para defender a terra dos invasores.

SANKOFA, *The Origin of Life on Earth,* 1991.

Os iorubas dizem que muito antes de existirem pessoas aqui, já existia vida no céu. Olorun vivia ali com muitos orixás, machos e fêmeas; mas Olorun era mais que macho e fêmea. Certamente, cada orixá tinha seus poderes, mas

pode existir. Por favor, diga-me o que eu preciso fazer realizar este trabalho?

Orunmila concordou. Ele descobriu a sua bandeja divinatória e colocou sobre ela um pouco do pó feito das raízes da árvore baobá. Sobre ela ele lançou 16 sementes de palmeira.

Depois que as sementes rolaram e pararam, Orunmila estudou as marcas que elas fizeram no pó divinatório. Ele colheu as sementes e lançou-as novamente. Ele estudou as novas marcas. Ele lançou as sementes de novo. Orunmila começou a ver traços e desenhos, e ele estudou-os também. No total ele lançou as sementes 8 vezes, e ele leu o significado a cada vez.

Finalmente, ele disse para Obatala:

- Você precisará de uma corrente esticada daqui para lá. Recolha toda a areia que você puder encontrar no céu. Pegue sementes de palmeira e todos os tipos de sementes. Consiga um ovo que contenha a personalidade de todos os outros orixás, machos e fêmeas.

Obatala agradeceu Orunmila. Ele foi falar com o ferreiro para fazer uma corrente. Enquanto o ferreiro trabalhava, ele conseguiu todas as outras coisas de que ele precisaria. Ele colheu toda a areia que ele pode encontrar, adicionou um pouco do pó do baobá, e colocou dentro de uma concha de caracol. Perto da árvore do Baobá ele encontrou a semente do caracol e todas as outras sementes. Ele colocou tudo na sua sacola, mas o ovo ele embrulhou carinhosamente na própria roupa que vestia, amarrando-o no seu peito onde ele deveria ficar aquecido. [...] Ele pegou a corrente com o ferreiro e colocou a sacola nos ombros. Ele amarrou a corrente no céu, e agarrando-se nela com as mãos, ele começou a descer devagar através da neblina.

e outro. Ele trabalhou carinhosamente e demoradamente, e a maioria dos corpos que ele fez, eram como ele, belos e bonitos.

Enquanto Obatala estava fazendo os corpos, a sua sede aumentou, mas agora as sementes de palmeira já eram árvores. Ele foi e colheu o suco que elas tinham. O suco fermentou e logo virou vinho de palma. O suco saciou a sua sede, mas ele gostou tanto do seu paladar que continuou a beber. Ele bebeu por um longo tempo, até ficar embriagado.

Obatala voltou para fazer mais corpos, mas agora ele não estava tão cuidadoso, ele fez alguns corpos mal feitos com as pernas tortas, dedos faltando, orelhas grudadas, braços curtos, sem nariz, boca torta, e outros defeitos. Mais tarde, quando Obatala viu o que ele fez, ele jurou nunca mais tomar bebida forte. É por isso que ele é o orixá protetor das pessoas com deficiência.

Apesar disso, ele achava que os corpos que ele havia feito eram maravilhosos, mas ele não estava satisfeito. Agora, Olorun resolveu enviar o camaleão, o mensageiro, para ver como as coisas estavam indo. Obatala mostrou para o camaleão tudo o que ele havia feito. Ele disse:

- Eu fiz o melhor que eu posso, mas estes corpos não tem vida.

O camaleão subiu na corrente e voltou. Ele contou para Olorun todas as coisas que ele havia visto e ouvido. Olorun então estendeu a mão no espaço e agitou os gases ali. Ele estalou os dedos de Sua mão poderosa, e uma faísca explodiu os gases. Olorun pegou e explosão e fez um balão que deu luz e calor para todas as coisas embaixo. O calor começou a secar Ifé, e os corpos de barro começaram a ficar duros, mas eles não tinham a vida de Olorun.

gou a terra, ela começou a ciscar o chão, espalhando a terra. Vendo que a terra estava firme, *Obatala* pegou uma semente de palmeira e jogou-a na terra. A semente brotou e veio a ser uma árvore. Quando a árvore cresceu ela encostou-se à corrente. *Obatala* desceu pela palmeira até o chão. Quando ele chegou ao chão, *Obatala* começou a moldar os corpos do barro da terra.

Como ele havia trabalhado muito, ele ficou cansado e resolveu descansar. Ele pegou o fruto da palmeira e fez o vinho de palma, bebendo até embriagar-se. Ele resolveu retornar ao trabalho, mas os corpos que ele fez quando estava embriagado não eram como os outros. Eles estavam com defeitos, mas *Obatala* não percebia isto, e continuou bebendo até dormir.

Enquanto *Obatala* dormia, *Olodumare* mandou *Oduduwa* terminar o trabalho da criação. *Olodumare* esperou *Obatala* acordar e disse para ele que o vinho de seria um tabu para ele, para sempre. Quando *Obatala* viu o que havia acontecido com os corpos que ele fez quando estava bêbado, ele prometeu proteger todas estas pessoas.

5

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta parte final faremos algumas considerações sobre *Odùduwà,* considerado Pai dos Iorubas, não para justificá-lo ou explicá-lo, ao contrário, mas para mostrar que informações publicadas de autores conceituados confirmam o nosso trabalho de resgate de um antigo mito ioruba da criação do mundo por *Obàtálá*.

Conforme outra versão que foi muito publicada e divulgada de diversas formas, é *Odùdúwà* que cria o *ayé* no lugar de *Obàtálá*, que teria embriagado-se. Queremos salientar que consideramos esta versão posterior ao mito de *Obàtálá* que contamos aqui, apresentando nossas justificativas.

O poema-história *Òrìṣà Dídá Ayé* parece pertencer a um período anterior em que os *nàgó* não possuíam estado político, melhor dizendo, numa época da história dos *nàgó* difícil de mensurar, que não existia ainda uma nação ioruba propriamente dita. O que existiam eram pequenas cidades -estado que falavam um mesmo dialeto, cada qual com suas diferenças regionais.

Nesse tempo, informa Verger (1997, p. 15) "[...] a maior parte das sociedades iorubas era, antes da conquista de Ifé por Odudua na etapa dos mini estados, de estrutura política extremamente mirrada, onde a maior parte das funções religiosas, a agricultura e as atividades sociais era limitadas ao mínimo [...]"

Uma nação política governada por uma monarquia divina, tal qual se nos apresenta hoje, ou o que restou dela, só veio a existir com o advento de *Odùduwà* como rei de *Ifè*. A nação ioruba, tal qual se entende hoje, é uma invenção recente dos europeus. Informa Verger (1997, p. 14) "O termo 'ioruba', efetivamente, chegou ao conhecimento do

> Odùdúwà tentou tudo para curar sua filha, mas nada adiantou. Ele foi informado que Orèlúéré era um grande doutor, que somente ele poderia cura-la; por isso, ele foi pedir sua ajuda, e deu a Orèlúéré a oportunidade de repreendê-lo por sua arrogância e falta de respeito. Então Odùdúwà realizou os sacrifícios prescritos, após os quais, sua filha curou-se.
>
> Por causa disso, Odùdúwà colocou-se temporariamente debaixo da proteção da divindade original da terra, que era Òrìsà-nlá, divindade tutelar de Orèlúéré e seu povo.

Este dado registrado por Idowu nos mostra que era *Obàtálá* a divindade nativa, o *Òrìsà Onilè,* o então "dono da terra".

Tudo indica que a partir da conquista dos povos originais e primitivos de *Ifè,* por *Odùduwà*, um novo ciclo mitológico tenha se iniciado, onde os mitos antigos teriam sido adaptados na época, para uma nova realidade política e social.

Assim, a antiga história original da criação mundo, conforme contada pelos nativos conquistados, já não mais interessaria, ou era proibida de ser contada. É fácil imaginar, e a lógica diz que assim deve ter ocorrido, que os sacerdotes de *Ifá*, cujo culto já existia em *Ifè* quando da chegada de *Odùduwà* (JOHNSON, 1973, p. 5), habilmente souberam adaptar e acomodar o antigo mito da criação favorável ao novo reinado. De forma natural, foi necessário abandonar o mito da criação pelo *Òrìsà Obàtálá*, criando um novo mito que garantisse o poder da terra ao invasor *Odùduwà*.

Se uma nova situação política gerou um novo mito, ou a sua adaptação, isto explica a dicotomia mitológica da história ioruba da criação do mundo, tendo de um lado o *ìtàn Obàtálá,* mais antigo, e de outro, o *ìtàn Odùduwà*, mais atual e, portanto mais aceito.

Sobre *Odùduwà*, escreve Costa e Silva (2006, p. 475, ss):

> Odudua, apóstata do islamismo, filho e príncipe herdeiro de Lamurudu, um dos reis de Meca, tentara impor o culto dos ídolos como religião de Estado. A inconformidade dos muçulmanos rebentou numa guerra civil, durante a qual Lamurudu foi morto e seus filhos e adeptos expulsos da cidade. Odudua, perseguido pelos inimigos, veio dar em Ilê Ifé, nas florestas do Iorubo, onde fundou um reino. A lenda diz que foi no monte Ora que Odudua teve a primeira morada, e que dali, saíram para dar combate aos Ibôs. [...] Odudua foi realmente um personagem histórico, de quem a tradição guardou o nome, líder de um grupo que impôs sobre Ilê Ifé um novo regime político, de chefia centralizada e dinástica. [...]A leitura dos mitos pode ser feita em abono da tese de que Odudua e Obatala seriam chefes de distintas comunidades, culturalmente semelhantes existentes na área de Ifé, [e] pode também favorecer a precedência de Obatalá e dos Ubos como "donos da terra" sobre Odudua e sua gente. O que o mito diria é que Ifé antecedeu a chegada de Odudua, que ali já existia um reino. [De fato] os nomes de seus soberanos persistem, com efeito, nas tradições e nos ritos, e que um grupo de guerreiros bem organizado e bem armado dele tomou posse, mas após a vitória teve de acertar-se com os seguidores de Obatalá e lhes conceder papéis de relevo no governo. [...]A história de Odudua não seria, assim, um mito da criação do mundo ou do estado, mas contaria como terminou um período e começou outro, na evolução política dos *nàgó,* ou mais simplesmente, como se processou uma mudança de dinastia. [...] No primeiro milênio de nossa era, esses povos que cultivavam os inhames, o dendê, os feijões, o quiabo, e o akee, nas florestas do sul desenvolveram instituições politicas baseadas nos laços de família. Cada vilarejo dividia em várias linhagens, cujos chefes eram escolhidos pela idade ou pela proximidade genealógica com o grande ancestral. Pequenos grupos de aldeotas, pouco distantes umas das outras formavam aquilo que Ade Obayemi chamou de mini estados: sem capital urbana ou governo centralizado, com pouco território e pouca gente [...] Nos mini estados que chegaram às vésperas de nossos dias, os cabeças-de-linhagem determinavam a alocação e o uso da terra e muitos dos comportamentos sociais [existindo] asso-

manos, que depois de criados, receberam (e ainda recebem) diretamente de *Olódùmarè*, o espírito da vida (*èmí*), e o fôlego da vida (*èémí*). Conhecemos também o *oríkì* de *Olódùmarè*, e algumas cantigas, louvores e oferendas tradicionais de *Obàtálá*.

Mostramos *Obàtálá* como *Òrìsà Àkóbí*, *Elédàá, Ibìkejí e Onilè,* títulos que sempre lhe foram outorgados na religião tradicional ioruba. Assim, a antiga história dos *nàgó* da criação do mundo pelo *Òrìsà Obàtálá*, apesar de todos os esforços dos adoradores de *Odùduwà* em tentar apagá-la, tanto na África, como no Brasil, sobreviveu, fragmentada, esfacelada, recortada, ignorada, omitida, mas sobreviveu.

Assim, através do nosso trabalho de resgate, conseguimos reconstituir, tanto quanto possível, dentro do que se preservou, o *ìtàn-ese* da criação do mundo dos *Nàgó* pelo *Òrìsà Obàtálá.*

Àse Obàtálá yóò bá o gbé làyè!
... O axé de Óbàtàlá o companhará por toda vida ...

BIBLIOGRAFIA

ABIMBOLA, Wande. "The Ese Ifá", *African Notes*, 2, pg. 14, Inst. de Est. Africanos, Ibadan, Nigéria, 1965.

_____ . *Yoruba Oral tradition*, Ife, University of Ife Press, 1975.

_____ . *IFA, An Exposition of Ifá Literary Corpus,* Ibadan, Oxford UniversityPress, 1976.

_____ . *Study of Yoruba Literature*, Ife, University of Ife, 1977.

ABRAHAM, R. C. *Dictionary of Modern Yoruba*, Londres, Rout & Kegan, 1962 [1946].

ADEDEJI, Joel. "Folkore and yoruba drama: Obatala as a case study". In: *African Folklore*, Bloomington, Richard M. Dorson (Org.), Indiana University Press, 1979.

ADÉKÒYÀ, Olúmúyiwá. *Iorubá: tradição oral e história*, São Paulo, Ed. Terceira Margem, Centro de Estudos Africanos, USP, 1999.

AFOLAYAN, Adebisi. *Yoruba Language and Literature*, Ife, University of Ife, 1982.

ANDERSON, David. *The Origin of Life on Earth: an African*

Creation Myth, New York, Sights Produtions, 1991.
AWOLALU, J. Omosade & Dopamu, P. Adelumo. *West African Traditional*, Ibadan, Nigéria, Onibonoje Press, 1979.

AURÉLIO Buarque de Holanda Ferreira. *Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa*, São Paulo, Ed, Nova Fronteira, 1995.

BARRETTI FILHO, Aulo. "Orunmila e a trajetória do oráculo, do ikin aos búzios, as perdas e o poder de preservação no candomblé", *V Congresso Afro-brasileiro*, Salvador, mimeo. 1997.

_____. *Dos Yorùbá ao Candomblé Kétu* (Org.). São Paulo: Edusp, 2010.

BASCOM, William. *Sixteen Cowries,* Indiana, Indiana University Press, 1993 [1980].

BEIR. H.U. "Before Oduduwa". In: BIOBAKU; BEIER; LEVI (Org.). In: ODU, J*ournal of Yoruba asn Related Studie*s, Ibadan,Ministry of Education, 1956.

BRAGA, Julio. *O jogo de buzios*, São Paulo: Brasiliense, 1988.

C.M.S. *A Dictionary of the Yoruba Language*, Ibadan, Oxford University Press, 2001, [1913].

COSTA E SILVA, Alberto da. *A Manilha e o Libambo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

_____. *A enxada e a lança*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006, [1998].

LUCAS, J. Olumide. *The Religion of the Yorubas*, C.M.S. Lagos, 1948.

MARINHO, Roberval. "O imaginário mitológico na religião dos Orixás". In: *Dos Yorùbá ao Candomblé Kétu*, Aulo Barretti Filho (Org.), São Paulo: Edusp, 2010.

OMIDIRE, Félix Ayoh. *Pèrègún e outras fabulações de minha terra*, Salvador: Edufba, 2005.

PESSOA DE BARROS, J. F. *O segredo das folhas*. RJ: Pallas, 1993.

PRANDI, Reginaldo. *Mitologia dos Orixás*, São Paulo: Schwarcz, 2001.

SÀLÁMÌ, Síkírù. *Cânticos dos Orixás na África*. São Paulo, Editora Oduduwa. 1991.

SIMPSON, George E. *Yoruba Religion and Medicine in Ibadan*, Ibadan, Ibadan Univ. Press.1980.

VERGER, Pierre. *Awọn Ewé Ọsanyin*, *Yoruba Medicinal Leaves*, Institute of African Studies, University of Ife, 1967.

_____. "Grandeur et Décadence du Culte de Ìyámi Òṣòròngà". In: Journal de La Societe des Africaniste, 35 (1), 141-243, 1965.

_____. *Artigos. Tomo I*. Corrupio, 1992.

VENDAS NO SITE

www.luizlmarins.com.br

View publication stats